

Porque é tão difícil provar um erro médico?

(...)

Por que razão é tão difícil provar num processo-crime que alguém morreu ou sofreu uma lesão física devido a um erro médico? Ou os casos são flagrantes, como o de uma tesoura esquecida num abdómen durante uma cirurgia, ou não será fácil reunir prova suficiente que demonstre dolo* ou relação directa entre o acto médico e a lesão ou a morte. Ou seja, que é efectivamente um homicídio por negligência ou que foi a falta de cuidado do médico que causou uma lesão ao paciente. (...)

Aida dos Santos foi submetida a uma cirurgia plástica ao abdómen em Setembro de 1995. Uns dias depois teve alta hospitalar, apesar de se ter aberto um buraco na cicatriz e de os riscos de infecção, enquanto doente obesa e diabética, serem maiores. Acabou por ser novamente internada, mas só mais de três semanas depois entrou de novo na sala de operações para que lhe fosse feita uma limpeza cirúrgica da ferida. Já saíria ligada ao ventilador. Acabou por morrer a 25 de Novembro de 1995, vítima de uma septicemia, no Hospital da Cruz Vermelha, em Lisboa. A filha Anísia nunca conseguiu que lhe fosse feita uma autópsia para apurar a porta de entrada da bactéria. A espera prolonga-se há 18 anos (...).

Na sentença, datada de 2003, a juíza reconheceu que a alta* hospitalar "não significa nem pode significar o abandono do doente à sua sorte" e que, apesar de "a doente se deslocar ao hospital para fazer pensos, o médico cirurgião não curou de a vigiar, apesar de ciente dos riscos pós-operatórios de infecção ou de inflamação" de uma doente que, por ser "obesa e diabética", exigia "cuidados redobrados". Apesar disso, quer o médico assistente quer o cirurgião plástico acabaram absolvidos. A Relação de Lisboa mandou depois repetir a sentença, mas o caso prescreveu na gaveta da juíza.

A complexidade destes processos é muitas vezes apontada como razão para se eternizarem ou para acabarem com absolvições. Quem anda pelos tribunais aponta outros motivos: os procuradores e juízes têm de interpretar uma linguagem que não dominam e as perícias sobre práticas médicas, escritas por clínicas, dificilmente são isentas. "Há muito corporativismo dos médicos. É muito difícil encontrar quem faça um parecer sério ou objectivo. A generalidade dos pareceres refugia-se em questões hipotéticas. O que é normal porque quem o faz pensa: hoje é ele, amanhã posso ser eu" (...)

O advogado João Medeiros, também especialista em casos de negligência médica, realça que, "tirando os casos extremamente escandalosos, os médicos tendem a defender-se uns aos outros, ou pelo menos a dar o benefício da dúvida". (...)

Se um caso é arquivado à partida - e não são raros os casos que não chegam a julgamento -, ou o queixoso pede reabertura de inquérito ou abertura de instrução. Mas para o fazer tem de apresentar novas provas e "não é fácil" que particulares cheguem a dados clínicos ou "encontrem médicos que aceitem ir contra outros", reforça o penalista. Os atrasos das entidades responsáveis pelos pareceres tendem a eternizar os inquéritos e também não são raras as prescrições: como a moldura penal do homicídio por negligência é curta, os prazos de prescrição também o são. (...)

Medeiros está habituado a estar dos dois lados: ora do lado dos acusados, ora do lado das vítimas. Há quase 15 anos que carrega a história de Sancha Zoio, que devido a atrasos na assistência do parto, no Hospital São Francisco Xavier, em Lisboa, nasceu como se fosse um vegetal: sem ver, sem falar, sem andar. O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem já condenou o Estado português devido aos atrasos na resolução do caso. A mãe e o advogado continuam à espera do desfecho nos tribunais administrativos. Sancha já morreu, o pai também.

dolo : engano

alta : sortie